

“COMPANHEIRAS” – AS MULHERES NAS PRISÕES DO ESTADO NOVO.
DIÁLOGO ENTRE GRACILIANO RAMOS E ENEIDA

Regina Zilberman

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Dando um baile na avenida
Pra te seduzir, sou Tuiuti
A essência do samba, não morrerá jamais
Meu Paraíso canta Eneida de Moraes
Guerreira mulher
Um marco na história
Estrela em meus versos vou dizer
Seu brilho está guardado na memória
Quis assim um Deus menino
Ao traçar o seu destino
Contar o que o tempo não levou
Luta pelo povo, impõe seu ideal
Rompe as barreiras do bem e do mal
Escreve a História do Carnaval
Faz da vida immortal

(Anibal, Ceí, Jr. Fionda, Luiz Caxias, Marcio de Campos, Reza¹)

¹ Eneida. *O Pierrot Está de Volta*. Samba-enredo da Escola Paraíso do Tuiuti em 2010. Puxador: Anderson Paz. <https://www.lettras.mus.br/gres-paraíso-do-tuiuti/samba-enredo-2010-eneida-o-pierrot-esta-de-volta/>. Acesso em: 12 mar 2019.

Abstract: Testimonies by Graciliano Ramos and Eneida, respectively in *Memórias do cárcere* and *Aruanda: crônicas*, are here presented, regarding the period when both were imprisoned during the Getulist dictatorship, in which are evoked feminine personalities, activists in the political scene of the years 1930, who were detained at the Primary's Pavillion of the Detention House in Rio de Janeiro. Whereas Graciliano underestimates Getúlio Vargas' role in the persecution of the Communist Party and succinctly describes some of the prisoners, Eneida depicts daily moments of her comrades, showing the hardship and cruelty of the regimen.

Keywords: Graciliano Ramos; Eneida; Getulist Dictatorship; the 30's; prison memories.

Resumo: Apresentam-se os testemunhos de Graciliano Ramos e Eneida respectivamente em *Memórias do cárcere* e *Aruanda: crônicas*, sobre o período em que ambos estiveram presos durante a ditadura getulista, em que são evocadas personalidades femininas, atuantes na cena política dos anos 1930 e que ficaram retidas no Pavilhão dos Primários, da Casa de Detenção do Rio de Janeiro. Enquanto Graciliano subestima o papel de Getúlio Vargas na perseguição política ao Partido Comunista e descreve laconicamente algumas prisioneiras, Eneida retrata momentos do dia a dia de suas companheiras, evidenciando a dureza e crueldade do regime.

Palavras-chave: Graciliano Ramos; Eneida; ditadura getulista; anos 30; memórias da prisão.

1 Mulheres e presas políticas em *Memórias do cárcere*

Aqui estou, mais um dia.
Sob o olhar sanguinário do vigia.
(Mano Brown e Jocenir²)

Graciliano Ramos conheceu por duas vezes a prisão durante a década de 1930. A primeira vez aconteceu no ano de 1930, porque, tendo resistido ao golpe de Getúlio Vargas,

² Diário de um detento. Os Racionais, MC's. *Sobrevivendo no inferno*.

https://www.google.com/search?sa=X&rlz=1C1OKWM_pt-BRBR837BR837&biw=1366&bih=657&q=rationais+mc%27s+di%C3%A1rio+de+um+de-tento&stick=H4sIAAAAAAAAAAONgFuLWz9U3MDQyJE83yFHi1U_XNzRMsjAoN-CuxLNASzU620s8tLc5M1k_MSSrNtSrOz0svfsQYxC3w8sc9YSnPSWtOXmN05sKuT-kiLi801rySzpFJlgytCtkiDQYpXi5kAZ5FrCpFicmZ-XmJmcUKucnqxQopmYcXFmXmK6SkKpT-mAsmS1LySfABY07PHsQAAAA&ved=0ahUKEwjYuNDE9f7gAhX-EbkGHTDbAowQri4INw. Acesso em: 13 mar 2019.

foi encarcerado pelos liderados de Agildo Barata e ameaçado de fuzilamento sumário.³ A segunda data do começo de março de 1936. O primeiro período durou uma noite, sendo o escritor liberado no dia seguinte; o segundo estendeu-se até 13 de janeiro de 1937.

A detenção dos princípios da década rendeu um rápido comentário nas páginas iniciais de *Viagens*. A segunda, os quatro tomos das *Memórias do cárcere*, além de entrevistas e relatos curtos divulgados na imprensa carioca nos anos 1940.⁴ A redação do livro em que registra sua estadia nos calabouços do Estado Novo tomou muito tempo, pois, começado em 1946, foi lançado postumamente em 1953. Apesar da extensão, a obra permaneceu inacabada, ainda que o filho do escritor, Ricardo Ramos, sugira, ao final do derradeiro volume, que faltava pouco para que ficasse pronta.⁵

Em *Memórias do cárcere*, a figura central é o próprio Graciliano Ramos, ainda que ele não se designe pelo nome, além de valer-se muitas vezes da terceira pessoa para falar de si. Mas há depoimentos preciosos sobre pessoas que compartilharam celas com o autor, tenham sido prisioneiros políticos, como Agildo Barata, seu ex-algoz, e Rodolfo Ghioldi, dirigente do Partido Comunista, ou criminosos, como o Gaúcho, transformado em uma das personagens do conto “Um ladrão”, cuja versão final apareceu em *Insônia*, de 1947.

Também comparecem na obra personalidades femininas, atuantes na cena política dos anos 1930 e que ficaram retidas no Pavilhão dos Primários, da Casa de Detenção do Rio de Janeiro. O protagonismo dessas mulheres antecedia à época retratada no livro, estendendo-se nas décadas seguintes. Destacam-se aqui três delas: Nise da Silveira, Eneida e Elisa Berger, todas, ao lado de outras, alojadas na sala 4 do Pavilhão dos Primários.

³ Cf. POLI JUNIOR, Ovídio. *A pena e o cadafalso*: observações sobre a literatura carcerária relativa ao período do Estado Novo. Tese (Doutorado em Letras) -- São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009; RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954. v. 1: *Viagens*.

⁴ Cf. LEBENSZTAYN, Ieda; SALLA, Thiago Mio (Orgs.). *Conversas*: Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Record, 2014.

⁵ RAMOS, Ricardo. Explicação final. In: RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954. v. 4: Casa de Correção, p. 161.

Nise da Silveira (Maceió, 1905-1999) era médica psiquiátrica diplomada na Bahia. Na década de 1920, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde exerceu sua prática profissional, ao lado da militância comunista. Ficou presa e, depois de liberada, impedida de trabalhar até 1944, quando retomou suas ocupações na colônia de alienados situada no Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro. Seguidora do pensamento de Carl Gustav Jung, que introduziu no país, destacou-se por estimular atividades de terapia ocupacional entendidas como via libertária de realização estética.⁶ Com os trabalhos dos internos do Engenho de Dentro (RJ), criou o Museu de Imagens do Inconsciente, em 1952.

Eneida (Belém, 1903-1971), que, ao assinar seus textos, abriu mão dos sobrenomes paterno e do marido, integrou-se à vida cultural do Pará desde a juventude, divulgando seus poemas e crônicas na imprensa local. Depois de publicar o primeiro livro, *Terra verde*, em Belém, migrou para o Rio de Janeiro em 1931 e, em 1932, para São Paulo, “onde passou a desenvolver intensa atividade política como membro da seção paulista do Partido Comunista Brasileiro, então Partido Comunista do Brasil (PCB). Devido à sua militância, ainda em 1932 esteve por quatro meses na prisão.”⁷ Retornou ao Rio de Janeiro em 1935, ingressando na União Feminina do Brasil (UFB), movimento político que propunha “luta mais ampla pelos direitos políticos, sociais e trabalhistas da mulher” e vinculado à Aliança Nacional Libertadora (ANL), “frente oposicionista de âmbito nacional organizada sob a hegemonia do PCB, cujo programa defendia o combate ao fascismo, ao imperialismo, ao latifúndio e à exploração.”⁸

Na sequência da reação governamental após a fracassada tentativa do Partido Comunista de chegar ao poder em 1935, por meio da revolta em quartéis situados em Natal, Recife e Rio de Janeiro, a chamada “Intentona Comunista”, Eneida é presa, situação que se repetiu mais de uma vez até 1945.

⁶ A respeito deste período, v. o filme *Nise: O coração da loucura*, de 2016, dirigido por Roberto Berliner.

⁷ Verbete Eneida Costa de Moraes. FGV/CPDOC. <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/eneida-costa-de-morais>. Acesso em: 18 fev 2019.

⁸ Ibid.

Com a redemocratização, volta às atividades de periodista, colaborando no *Diário Carioca*, posto que mantém mesmo nos anos em que reside em Paris, de onde envia suas crônicas. Nos anos 1950, participa do grupo de jornalistas do *Diário de Notícias* e publica os livros *Cão da madrugada* (1954) e *Aruanda* (1957). É também autora de *História do carnaval carioca*, lançado em 1958, e de *Banho de cheiro*, de 1962.

Ao contrário das companheiras da sala 4, Elisa Berger não nasceu no Brasil. Seu nome era Elizabeth Saborovsky Ewert (1907-1940), também conhecida por Sabo. Foi militante comunista desde a juventude, quando casou com Arthur Ernest Ewert (1890-1959), Harry Berger na clandestinidade revolucionária. Em 1934, o casal, depois de residir em Buenos Aires, onde Harry atuava no escritório latino-americano do Komintern, mudou-se para o Rio de Janeiro, com o fito de, ao lado de Luis Carlos Prestes e Olga Benário, coordenar o movimento rebelde que, conforme os planos do Partido Comunista da União Soviética, deveria culminar na revolução brasileira.

Com o fracasso do movimento, Berger foi preso e barbaramente torturado pela polícia chefiada por Filinto Müller, o que provocou sua insanidade e, ao voltar à Alemanha, seu internamento em hospital psiquiátrico. Elisa também foi vítima de tortura e espancamento, tendo sido eletrocutada e mesmo estuprada diante do marido.⁹ Em 1936, Sabo e Olga Benário foram deportadas para a Alemanha nazista pelo governo de Getúlio Vargas, onde a primeira foi novamente torturada, sem que denunciasse os companheiros. Em 1938, é transferida para o campo de concentração de Lichtenburg e, em 1939, para o campo de concentração feminino de Ravensbrück, onde faleceu em 1940, com 32 anos.

Em *Memórias do cárcere*, é Nise da Silveira, conterrânea de Graciliano, que aparece com mais frequência, embora, seguidamente, provoque constrangimento no interlocutor, como no trecho em que a médica é mencionada pela primeira vez no livro:

⁹ Em *A luz no túnel*, terceiro volume de *Os subterrâneos da liberdade*, de Jorge Amado, uma personagem comenta que a polícia “cortara à navalha os seios da mulher de Berger”. Cf. AMADO, Jorge. *A luz no túnel*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Junto, à direita, além de uma grade larga, distingui afinal uma senhora pálida e magra, de olhos fixos, arregalados. O rosto moço revelava fadiga, aos cabelos negros misturavam-se alguns fios grisalhos. Referiu-se a Maceió, apresentou-se:

– Nise da Silveira.

Noutro lugar o encontro me daria prazer. O que senti foi surpresa, lamentei ver a minha conterrânea fora do mundo, longe da profissão, do hospital, dos seus queridos loucos. Sabia-a culta e boa, Rachel de Queirós me afirmara a grandeza moral daquela pessoinha tímida, sempre a esquivar-se, a reduzir-se, como a escusar-se de tomar espaço. Nunca me havia aparecido criatura mais simpática. O marido, também médico, era o meu velho conhecido Mário Magalhães. Pedi notícias dele: estava em liberdade. E calei-me, num vivo constrangimento.¹⁰

Eneida é introduzida logo a seguir no livro, identificada originalmente pela voz:

Quem seria aquela mulher de fala dura e enérgica? [...] Quem seria a criatura feminina de pulmões tão rijos e garganta macha?¹¹

Logo depois, esclarece o narrador:

Foi Valdemar Bessa quem me satisfez a curiosidade: a mulher de voz forte era Eneida.¹²

Ele completa a informação, apresentando o conjunto de prisioneiras que habitavam a sala 4:

E apertava-se uma dúzia delas na sala 4. Olga Prestes, Elisa Berger, Cármen Ghioldi, Maria Werneck, Rosa Meireles, outras.¹³

Mais adiante, Graciliano volta a descrever os hábitos coletivos das mulheres, quando as observa à distância no pátio:

Do terraço, no banho de sol, vi-as lá embaixo, num pátio, em companhia das outras mulheres. Eram dez ou doze, formavam círculo e faziam exercício atirando uma à outra, a desenferrujar os braços, uma bola de borracha. Todas as manhãs passavam ali uma hora. Na ida e na volta, demoravam-se às vezes no patamar, afastavam a lona que disfarçava a Praça Vermelha, detinham-se alguns minutos a conversar com os homens. Sinais de relance percebidos serviram-me para distinguir várias delas: os lábios vermelhos de Valentina, os cabelos grisalhos de Elisa Berger, os olhos verdes de Eneida. Olga Prestes era branca e serena. Rosa Meireles, forte e enérgica, tinha voz rija, decidida. No rosto ardente de Maria Werneck, no corpo magro, ondulado, adivinhava-se de longe intensa vibração. A figura de Nise entrara-me fundo no espírito. Apesar de haveremos ficado momentos difíceis um diante do

¹⁰ RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954. v. 2: Pavilhão dos Primários, p. 28-29.

¹¹ Id. p. 29.

¹² Ibid.

¹³ Id. p. 29-30.

outro, confusos, aturdidos, em vão buscando uma palavra, aquela fisionomia doce e triste, a revelar inteligência e bondade, impressionava-me.¹⁴

Na sequência dos comentários, o escritor aproveita para contar um episódio que qualifica como “burlesco” e que tem Eneida como uma das figurantes:

Numa dessas passagens matinais deu-se coisa burlesca. Diversas pessoas no Pavilhão, sem querer, entregavam-se ao nudismo. Saíam do banheiro, iam secar preguiçando nos cubículos, andando na Praça Vermelha, e esqueciam-se de vestir-se. Estava assim Newton Freitas, oferecendo a um magote ocioso conversa loquaz e gargalhadas imensas, quando se entreabriu a cortina de lona e a figura de Eneida apareceu. Com impudência tranquila, o homem deu um passo e cumprimentou.

- Você está decente para falar com senhoras, murmurei tocando-lhe no ombro.

- Puxa! Com os diabos!

Recuou, quis envolver-se na toalhinha de rosto, mudá-la em tanga, acorrou-se rapidamente por detrás dos companheiros, morta a alegria num instante, encabulado em excesso.

Depois desse dia os habitantes do Pavilhão foram cautelosos, e Eneida nos trouxe uma exigência: deveríamos pelo menos usar cuecas.¹⁵

Elisa Berger é presença mais fugaz no universo do cárcere das memórias de Graciliano. É mencionada em cena anterior, quando reunidas às demais mulheres, destacando o narrador seus cabelos grisalhos daquela que, na ocasião, ainda não completara trinta anos. Individualiza-se na cena a seguir reproduzida, mas ainda aqui se trata de uma percepção à distância, com o narrador testemunhando o diálogo dela com Miranda (Antônio Maciel Bonfim), outro dos prisioneiros políticos que, pertencente à direção do Partido Comunista no Brasil, havia participado do levante de novembro de 1935:¹⁶

Depressa Miranda invadiu o segredo e o cubículo. Insinuava-se familiar, chegava ao locutório miúdo, chamava Elisa Berger, desdobrava-se em conceitos num francês vagabundo. Coisas imprecisas, indigência interior, o cacoete repisado a substituir expressões inacabadas na língua estranha:

- *C'est très important.*¹⁷

¹⁴ Id. p. 42-43.

¹⁵ Id. p. 43.

¹⁶ Antônio Maciel Bonfim, o *Miranda*, é personalidade controversa nos anais do movimento de 1935. Era parceiro de Elvira Copello Calonio (Elza Fernandes), que teria denunciado os participantes da insurreição e viria a ser morta, em retaliação, pelos comunistas. V. AMADO, Jorge. *O Cavaleiro da Esperança*. Rio de Janeiro: Record, 1999; MORAIS, Fernando. *Olga*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994; RODRIGUES, Sergio. *Elza, a garota*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

¹⁷ RAMOS, Graciliano. Op. cit. p. 115.

Porém, aparentemente Graciliano almeja salientar o comportamento de Miranda, como se verifica na cena que sucede à antes transcrita, em que o interlocutor também não poupa Eneida, a quem procura transmitir lições, ainda que, a se deduzir do discurso irônico empregado, sejam rasas e banais:

Conversava também com Eneida. Realmente não era conversa, era ensino: com autoridade, aprumo e abundância, desenvolvia teorias colhidas no ABC de Bukharin; deixando essas alturas, explicava o meio de se aproveitarem na luta as mulheres e as crianças. Aí não deixava de afirmar convicto:

– Isto é muito importante.¹⁸

Elisa se faz notar em outro episódio, abrindo o capítulo 20 de Casa de Correção, no último volume de *Memórias do cárcere*. Corre a notícia de que ela e Olga seriam “entre-gues à Gestapo”, o que provoca os “gritos medonhos do Pavilhão dos Primários” ouvidos à distância pelos homens. Esclarece o narrador:

As mulheres resistiam, e perto os homens se desmandavam em terrível barulho. Tinham recebido aviso, e daí o furioso protesto, embora a polícia jurasse que haveria apenas mudança de prisão.

- Mudança de prisão para a Alemanha, bandidos.¹⁹

É ainda neste capítulo que Graciliano relembra outra ocasião que testemunhou, sempre à distância, o comportamento de Elisa Berger, que age, agora, contando com a cumplicidade de Eneida à época em que o escritor e a cronista ocupavam a enfermaria:

Certa manhã, na enfermaria, Elisa Berger surgira de repente na entrada ao fundo. Havia ali duas grades, a limitar um vão diminuto, e pelo menos uma estava sempre fechada. Naquele dia as duas se achavam destrancadas, exatamente quando Elisa passava por elas, dirigindo-se ao gabinete do dentista. Rápida, a mulher entrara e, examinando cautelosa os arredores, estendera um envelope a Eneida, cochichara um instante e sumira-se, dando-me apenas o tempo necessário para notar que estava mais abatida e mais grisalha.²⁰

Graciliano não dá mostras de grande proximidade com o grupo de presas políticas: constrange-se diante de Nise da Silveira, com quem às vezes conversa, reproduz falas e atitudes de Eneida, e conhece Elisa Berger, com quem, contudo, não interage. Talvez não

¹⁸ Ibid.

¹⁹ Id. p. 111.

²⁰ Id. p. 116.

tivesse sido tão discreto, mas é dessa maneira que apresenta suas relações com o naípe feminino encarcerado na Casa de Correção do Rio de Janeiro.

2 As memórias de Eneida

Vai, vai, vai pra Aruanda
Vem, vem, vem de Luanda
Deixa tudo o que é triste
Vai, vai, vai, vai pra Aruanda
Lá não tem mais tristeza
Vai que tudo é beleza
Ouve essa voz que te chama
Vai, vai, vai
(Dorival Caymmi²¹)

As *Memórias do cárcere* foram publicadas em 1953, ano da morte de seu autor. Eneida registrou, no *Diário de Notícias* de 28 de novembro daquele ano, suas impressões sobre a obra. O texto toma a forma de entrevista, dirigida pela cronista a si mesma. Começa pelo anúncio da publicação recente do livro de Graciliano, recomendando que seja lido por jovens e adolescentes, para terem “uma ideia clara e precisa do que seja um ditador montado num poder, rodeado de facínoras, tentando liquidar, humilhar, esmagar mulheres, homens, jovens e neles, o direito de pensar e de sentir.”²²

Eneida manifesta seu entusiasmo pela obra, mas não deixa de enunciar sua principal restrição:

Está claro que jamais seria capaz de escrevê-las [as memórias] com aquela perfeição de Graciliano; mas, em todo caso, se a fizesse, jamais tentaria atenuar a responsabilidade de Vargas o ditador, como Graça procurou fazê-lo.²³

Logo a seguir, esclarece o caminho que tomaria:

Se algum dia eu escrevesse lembranças daquela prisão, também seriam diferentes meus personagens. Falaria, por exemplo, em Rosa Meireles, cujas olheiras aumentavam dia a dia pela saudade dos filhos de quem lhe negavam qualquer notícia; em Júlia, que apenas por ser empregada do casal Prestes teve

²¹ CAYMMI, Dorival. Aruanda. <https://www.letras.mus.br/dorival-caymmi/1291130/>. Acesso em: 20 fev 2019.

²² ENEIDA. Ouvindo personagens de Memórias do cárcere. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 29/ nov./ 1953. p. 2.

²³ Ibid.

seus óculos grossos propositalmente arrancados e quebrados para que ela ficasse, propositalmente, na mais completa escuridão. Falaria com ternura enorme em Sabo Berger, a maior mulher que jamais conheci em toda minha vida e que G. Vargas entregou a Hitler, para matar. Sabo Berger, e em seus seios dez dedos impressos: amarrada no alto de uma escada, de tronco para baixo, dois fortes homens da Polícia Especial, durante dois meses, espremiavam-lhe os seios para que ela delatasse. [...] Falaria em muitos outros, e naturalmente na minha queridíssima Nise da Silveira, também personagem de Graciliano.²⁴

Se pode surpreender a crítica de Eneida à leniência de Graciliano diante de Getúlio Vargas, que, à época do lançamento de *Memórias do cárcere*, presidia a República e era apoiado pelo (ainda que ilegal) Partido Comunista, cabe assinalar que sua voz não era solitária. Também Rubem Braga fez restrições ao livro a partir de perspectiva similar, na crônica “Memórias”, publicada no *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, em 24 de novembro de 1953.

Como Eneida, Braga abre o texto, incentivando a leitura de *Memórias do cárcere*, que, uma vez começada, não dá “vontade de parar”. Destaca que, talvez por pudor, Graciliano “evita dizer o nome do responsável inicial” por sua perseguição, que o cronista identifica: tratava-se do general Newton Cavalcanti.²⁵ O cronista, porém, estende o escopo de sua denúncia, destacando os nomes de “Felinto (sic) Müller, Vicente Ráo e o acadêmico Getúlio Vargas”. E, no mesmo parágrafo, como Eneida, condena o então Presidente:

A este [Getúlio Vargas] o autor dá uma fresca desculpa, à página 124 do 2º volume, quando se refere ao movimento organizado por José Lins do Rego para tirá-lo da cadeia. “Mas o presidente da República era um prisioneiro como nós; puxavam-lhe os cordões e ele se mexia, títere, paisano movido por generais”.²⁶

Comenta o cronista: “Não sei se ao escrever isso, levado talvez pelo fato de seu Partido ter pactuado com o sr. Vargas, Graciliano sentiu que horrível papel ele atribuía ao sr. Vargas.” Afinal, “o ‘títere’ não podia ignorar as torturas, torpezas e assassínios praticados”.

²⁴ Ibid.

²⁵ Sobre Newton Cavalcanti, cf. <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CAVALCANTI,%20Newton.pdf>.

²⁶ R. B. [Rubem Braga]. Memórias. *Correio da Manhã*, 24/ nov. /1953. p. 4. http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_06&pasta=ano%20195&pesq=%C3%89%20pre-ciso%20er%20o%20livro. Acesso em: 14 fev. 2019.

Mas esses problemas, conforme Braga, não comprometem a obra, pois “sente-se que o autor vence sua grande repugnância em contar essas misérias e violências”. Em muitos casos, até “passa por alto”, evitando “entrar em detalhes dolorosos, como no caso de Elisa Berger.”²⁷

Encida, da sua parte, deu vazão às suas memórias nas crônicas de *Aruanda*, publicado pela José Olympio em 1957. Na coluna que mantinha na revista semanal *O Cruzeiro*, João Condé reproduz a carta enviada pela autora, comentando a natureza de seu livro:

ARUANDA é um livro de crônicas memorialistas. Vivi sempre intensamente; nenhuma das épocas de minha vida conseguiu desaparecer da minha memória, talvez porque eu tenha uma memória doentia. Por isso escrevi ARUANDA.²⁸

Conforme Encida, a obra integra-se ao gênero das “crônicas memorialistas”, porque ela não “quis sobrecarregar ou explorar demasiado a paciência do leitor contando-lhe tudo o que já vivi e senti nesta minha longa vida; daí ser meu livro magro e esguio”.²⁹ Aos quatro volumes das *Memórias do cárcere*, contrapõem-se as dezoito crônicas de *Aruanda*, introduzidas por um prefácio, em que ela explica o título escolhido, palavra associada à memória “de terra e liberdade, gosto de fruta madura”, em mescla de “paladar e olfato”.³⁰ *Aruanda* é sobretudo o retornar, pois,

Quando pensamos que tudo acabou, gastou, feneceu, a vida se encarrega de nos ensinar que recomençar é um dever de todos os homens e que recomençando estamos voltando de *Aruanda*, indo para *Aruanda* e somos heróis, os mais valentes dos heróis, porque silenciosos e obscuros.³¹

Completa a autora:

²⁷ Ibid.

²⁸ CONDÉ, João. Arquivos implacáveis. *O Cruzeiro*, Ano XXX, n. 22, 15-3-1958. p. 29. <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=003581&pasta=ano%20195&pesq=ARUANDA>. Acesso em: 01 dez 2018.

²⁹ Ibid.

³⁰ ENEIDA. *Aruanda*. Crônicas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957. p. XV

³¹ Id. p. p. XVI-XVII.

Aruanda é o país que sempre trazemos dentro de nós, país de Liberdade e de Paz, país sem desigualdades, nem ódios, sem injustiças ou crueldades, país do amor sonhado por todos os homens.³²

As dezoito crônicas narram, pois, em segmentos que tomam a forma da crônica, a vida da autora, desde a infância, em Belém, até meados dos anos 1950. Os períodos em que esteve encarcerada são introduzidos por duas crônicas, “Delírio número um” e “Delírio número dois”, em que se refere ao barulho dos passos e ao modo como esses identificam os sapatos e as pessoas que os portam. Em “Delírio número dois”, a narradora faz a ponte com seus tempos de prisioneira política, quando, em 1935, tendo chegado à “sala das mulheres”, no Pavilhão de Primários, seus “ouvidos se encheram dos ruídos de pés”. Com o decorrer do tempo, ela aprende a fazer a leitura do “ruído dos pés e dos tamancos”, chegando a “saber o nome daquele que pisava o lajedo anunciando sua fome”. E complementa: “conhecia bem todos os pisares”, pois “meus tamancos eram irmãos de outros tamancos”.³³

A crônica “Capítulo dos relógios”, cujo título ressoa o do “Capítulo dos chapéus”, de Machado de Assis, introduz uma das prisioneiras, vítima da arbitrariedade policial, pois conta à narradora nunca ter sido “política, nunca me meti nisso, mas me prenderam”.³⁴ Temendo perder o emprego, encontra na companheira de cela a solidariedade de que carece para suportar a espera até o interrogatório, o qual nunca acontece. Comenta a narradora:

Soltaram-na ao amanhecer. Ninguém a chamou para saber sequer seu nome. Era assim o Brasil daquela época.³⁵

Na sequência, em “Pé de cachimbo”, a cronista festeja a alegria dos domingos, para, no texto subsequente, “Companheiras”, retomar a memória da prisão. A narrativa abre com a recuperação do tema dos calçados, pois “durante o inverno a sala era tão úmida, que engelvava mãos e obrigava os pés a manter um constante sapateado”. No verão, por outro lado,

³² Id. p. p. XVII.

³³ Id. p. 80-81.

³⁴ Id. p. 92.

³⁵ Id. p. 94.

“a sala era quente, tão quente que parecia querer matar-nos sufocados a qualquer momento.”³⁶ De um modo ou de outro, os dias “se arrastavam pesados, longos, sem monotonia, pois nossa constante preocupação era inventar formas para que eles não fossem parecidos. Enchíamos com coragem todas as horas: ginástica, estudos, conversas, cânticos, passeios”.³⁷

Descrito o espaço, “tão pequeno” e cortado pelo “ruído dos tamancos”, a narradora abre a grande angular para expor a situação do grupo, sem nunca esquecer de chamar a atenção para o mal praticado pelo Estado Novo:

Éramos vinte e cinco mulheres presas políticas numa sala da Casa de Detenção, Pavilhão dos Primários, 1935, 1936, 1937, 1938. Quem já esqueceu o sombrio fascínio do Estado Novo com seus crimes, perseguições, assassinatos, desaparecimentos, torturas?³⁸

A sala 4, conhecida do relato de Graciliano Ramos, é descrita de modo detalhado:

De um lado e de outro da sala, enfileiradas, agarradas umas as outras, vinte e cinco camas. Quase presas ao teto alto, quatro janelas fechadas por umas tristes e negras grades. Encostadas à parede, uma grande mesa com dois bancos. Ao fundo da sala, os aparelhos sanitários. Por maior que fosse a nossa luta para mantê-los limpos e desinfetados, nunca conseguíamos fugir do cheiro forte que exalavam.³⁹

São, porém, as mulheres as personagens da crônica, as “vinte e cinco mulheres”, ocupantes das “vinte e cinco camas”, com “vinte e cinco milhões de problemas”. A cronista faz questão de apresentá-las como um grupo uno e solidário:

Havia louras, negras, mulatas, de cabelos escuros e claros; de roupas caras e trajes modestos. Datilógrafas, médicas, domésticas, advogadas, mulheres intelectuais e operárias. Algumas ficavam sempre, outras passavam dias ou meses, partiam, algumas vezes voltavam, outras nunca mais vinham.

Havia as tristes, silenciosas, metidas dentro de si próprias; as vibráteis, sempre prontas ao riso, aproveitando todos os momentos para não se deixarem abater.⁴⁰

Assim, os “problemas de uma” eram “problemas de todas”:

³⁶ Id. o, 104.

³⁷ Ibid.

³⁸ Id. p. 105.

³⁹ Ibid.

⁴⁰ Id. p. 106.

O noivo de Beatriz era o nosso noivo. Queríamos saber suas notícias, coisas que nem a própria noiva conhecia. Problemas comuns, destinos comuns. Os filhos de Antônia estavam em Natal, mas onde andaria o marido de Nininha, preso do Rio Grande do Norte?⁴¹

O ângulo coletivo é mantido por vários parágrafos, sem destacar individualidades célebres ou militantes políticos, apenas as “pobres mulheres jogadas numa prisão infecta, sem o menor conforto”. Poucas se destacam, como Valentina (a de “lábios vermelhos”, na descrição de Graciliano Ramos), que “ensinava literatura inglesa”, ou Nise, de que esperavam que “desse lições de Psicologia”.⁴²

É após o longo prólogo que a narradora lembra “um dia”, aquele que jamais esquecerá:

Fazia muito calor e havia sol. Pareciam maiores as paredes da sala onde escrevêramos desabafos. A vida lá fora devia estar bela; era verão e com certeza ruas e avenidas ensolaradas viam passar mulheres de vestidos claros e leves. Na sala, aquela tarde, havia tanto calor que descansávamos nas camas, abanando-nos com pedaços de papel. Como não tínhamos espaço para andar todas ao mesmo tempo, quando umas o faziam, outras eram obrigadas a ficar sentadas ou deitadas nas camas. Jogávamos paciência, algumas, e o calor era tanto que nem tentávamos falar. Qualquer gesto, qualquer palavra ou movimento iria aumentar o suor que escorria de nossos corpos cansados. Não podíamos perder a menor de nossas energias: deveríamos sobreviver.⁴³

Foi “nessa tarde que tenho gravada na memória que ela entrou na Sala das Mulheres.”⁴⁴ Confessa a narradora, mais uma vez tomando os sapatos como metonímia da pessoa que os porta:

Nunca esquecerei seu ar de espanto nem aqueles sapatos que haviam sido brancos. Estavam manchados de terra ou de sangue? Nunca esquecerei o vestido sujo, as mãos trêmulas, os cabelos brancos revoltos.

Introduzida na sala, com sua “estatura mediana, vestido estampado, olhos curiosos” e “em silêncio”, provoca a curiosidade das demais: “quem será?”.⁴⁵ Por isso, elas se aproxi-

⁴¹ Ibid.

⁴² Id. p. 107.

⁴³ Id. p. 107-108.

⁴⁴ Id. p. 108.

⁴⁵ Ibid.

mam e perguntam “quem era ela”, sem obter resposta. Somente depois de o grupo se identificar, as mulheres apresentando-se como “antifascistas” e “presas políticas”, uma delas dizendo-lhe ser “comunista”, é que a estranha reage:

Foi a esse grito que aquela mulher despertou. Agarrou-se à companheira, beijou-lhe o rosto e pôs-se a exclamar com grandes lágrimas descendo pelo rosto alquebrado:

- Camarada, minha camarada!⁴⁶

A nova moradora da sala conta sua história:

O olhar com que agora envolvia as vinte e cinco mulheres era diferente; queria entender as palavras na paredes; perguntava, sorria, abraçava todas, chorava e ria. E contou. Contou com voz firme o quanto sofrera. A Polícia Especial a maltratara monstruosamente. Mostrou-nos os seios onde trazia impressas marcas de dedo. Colocavam-na no alto da escada, amarrada e nua para forçá-la a declarar ou delatar, enquanto dois homens enormes lhe puxavam os seios.

Falou-nos do sofrimento, da fome e da sede que lhe haviam imposto. Falou-nos de seu companheiro e das barbaridades que ambos padeceram. Falou sempre com voz clara, precisa, serena, em tudo que passara nas prisões desta cidade. Seu corpo guardava ainda as vergastadas de chicote policial. Jogavam-na de prisão em prisão. Ora era metida em celas de prostitutas, ora no meio das ladras ou ébrias. Durante mais de dois meses sofreu humilhações físicas e morais.⁴⁷

A narrativa intensifica a sororidade das mulheres:

- Ela precisa comer, tomar banho, mudar o vestido.

Houve um corre-corre geral. Todas queriam dar-lhe roupas, todas queriam dar-lhe um pedaço de pão, de doce, uma fruta. Comia sorrindo. Sua fome tinha dois meses, seu sofrimento mais algum tempo.⁴⁸

Contudo, a prisioneira não permanece na sala; um guarda leva-a para outro cárcere, “muito pior”, como ele informa, “sorrindo”, às demais. A narradora fecha a cena, comentando a reação de todas:

Quando partiu deixava vinte e cinco amigas. Não lhe dissemos adeus, não tivemos um momento de fraqueza. Mas quando as grades se fecharam atrás dela, cinquenta olhos choravam.

A tarde tão quente de verão foi mais longa e dolorosa naquele dia. Ninguém falava. Voltamos ao jogo de paciência, ao silêncio, à angústia de saber que a vida lá fora devia andar linda.⁴⁹

⁴⁶ Id. p. 109.

⁴⁷ Id. p. 109-110.

⁴⁸ Id. p. 110.

⁴⁹ Id. p. 111.

Passados três meses, ela retorna e, como prometera o sádico policial, em estado ainda pior:

Três meses depois ela voltou. Veio viver conosco. Todas as noites, à meia-noite, levantava-se e andava, andava de um lado para o outro, sem uma palavra.

- De meia-noite às duas da manhã ela devia apanhar, ficou-lhe uma psicose.⁵⁰

É nas últimas linhas da crônica que Eneida nomeia sua personagem, dando conta de seu destino:

Essa mulher se chamava Elisa Soborovsk (sic), a Sabo Berger, mulher de Henry (sic) Berger. O governo Getúlio Vargas entregou-a mais tarde à Gestapo. Hitler matou-a.⁵¹

E completa a informação com as impressões deixadas por Sabo:

Sabo, para mim, foi uma revelação; jamais conheci mulher tão culta, tão humana, tão valente. Uma mulher tão bela. Nunca a esquecerei.

Na noite em que ela partiu com Olga Benário para o navio que as levaria a Hitler, era inverno e tiritávamos de frio. Sofríamos ainda mais, porque tínhamos aprendido a amá-la.⁵²

As palavras finais, em que saúda as “grandes mulheres” e “boas companheiras”, e relembra Elisa Berger, correspondem a uma prestação de contas:

Recordando-a agora, cumpro um dever. Jamais esquecerei também as vinte e cinco mulheres da sala ora fria, ora quente, do Pavilhão dos Primários.

Grandes mulheres; boas companheiras.⁵³

Cumpria também sua promessa. Pois, como confessara em sua avaliação do livro de Graciliano Ramos, ela, “se algum dia eu escrevesse lembranças daquela prisão”, falaria, “com ternura enorme em Sabo Berger, a maior mulher que jamais conheci em toda minha vida e que G. Vargas entregou a Hitler, para matar”.⁵⁴

Eneida era mulher de palavra.

⁵⁰ Ibid.

⁵¹ Ibid.

⁵² Ibid.

⁵³ Id. p. 112.

⁵⁴ ENEIDA. Ouvindo personagens de Memórias do cárcere. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 29/nov./1953. p. 2.

Contudo, seu diálogo com Graciliano Ramos inclui ainda um último ato, pois, ao resenhar *Viventes das Alagoas*,⁵⁵ publicado pela Martins em 1962, foi a vez de a escritora paraense revelar publicamente suas lembranças de Graciliano Ramos à época do Pavilhão dos Primários. Retoma então reportagem de 1949 para *Esfêra*, “revista de vida efêmera”,⁵⁶ em que apresenta o retrato do autor à época em que ambos partilhavam a enfermaria do presídio:

Graciliano recém voltava da Ilha Grande, de cabeça raspada, feíssimo (a falta de cabelos salientava muito sua feiura), um jeito de bicho triste.⁵⁷

Segue-se a essa introdução a “etapa que talvez não seja bom contar”: “Graciliano não mudava o pijama com a assiduidade que era de se esperar e seu banho diário costumava ser um pouco adiado.”⁵⁸ Somam-se a essas outras recordações, até a autora concluir que, a essas alturas (em 1949, ano da matéria reproduzida), o escritor dispõe de condições financeiras para ter “muitos pijamas para mudar, é um homem limpo tomando banhos sem alheias exigências.”⁵⁹

Em 1949, Graciliano avançava a redação das *Memórias do cárcere*, divulgado em 1953, dotando Eneida de fala “dura e enérgica”. O diálogo, inaugurado nas masmorras do Estado Novo, prosseguia, mas, já nesse tempo, se tratava de uma disputa na direção de conferir, ou não, voz às “companheiras”.

TRABALHOS CITADOS

⁵⁵ Na resenha, o livro é intitulado *Viventes das almas*, erro tipográfico devido à autora ou ao revisor do jornal. V. a respeito SALLA, Thiago Mio. *Graciliano Ramos e a Cultura Política: mediação editorial e construção do sentido*. São Paulo: Edusp, 2016. p. 60.

⁵⁶ ENEIDA. Graciliano. “Viventes das Alagoas”. *Diário de Notícias*, 15/abr./1962. Suplemento Literário, p. 2.
http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=093718_04&pasta=ano%20196&pesq=Vivente%20das%20Almas. Acesso em: 30 out 2018.

⁵⁷ Ibid.

⁵⁸ Ibid.

⁵⁹ Id. p. 5.

- AMADO, Jorge. *A Luz no túnel*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- AMADO, Jorge. *O Cavaleiro da Esperança*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- BRAGA, Rubem. Memórias. *Correio da Manhã*, 24/nov./1953. p. 4. http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_06&pasta=ano%20195&pesq=%C3%89%20pre-ciso%20er%20o%20livro. Acesso em: 14 fev. 2019.
- CAYMMI, Dorival. Aruanda. <https://www.lettras.mus.br/dorival-caymmi/1291130/>. Acesso em: 20 fev 2019.
- CONDÉ, João. Arquivos implacáveis. *O Cruzeiro*, Ano XXX, n. 22, 15/mar./1958. p. 29. <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=003581&pasta=ano%20195&pesq=ARUANDA>. Acesso em: 01 dez 2018.
- Diário de um detento. Os Racionais, MC's. *Sobrevivendo no inferno*. https://www.google.com/search?sa=X&rlz=1C1OKWM_pt-BRBR837BR837&biw=1366&bih=657&q=rationais+mc%27s+di%C3%A1rio+de+um+de-tento&stick=H4sIAAAAAAAAAAONgFuLWz9U3MDQyJE83yFHi1U_XNzRMsjAoN-CuxLNASzU620s8tLc5M1k_MSSrNtSrOz0svfsQYxC3w8sc9YSnPSWtOXmN05sKuT-kiLi801rySzpFJIgYtfCtkiDQYpXi5kAZ5FrCpFicmZ-XmJmcUKucnqxQopmYcXFmXmK6SkK-pTmAsmS1LySfABY07PHsQAAAA&ved=0ahUKEwjYuNDE9f7gAhX-EbkGHTDbA-owQri4INw. Acesso em: 13 mar 2019.
- Eneida Costa de Moraes. FGV/CPDOC. <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/eneida-costa-de-morais>. Acesso em: 18 fev 2019.
- Eneida, *O Pierrot Está de Volta*. Samba-enredo da Escola Paraíso do Tuiuti em 2010. Puxador: Anderson Paz. <https://www.lettras.mus.br/gres-paraíso-do-tuiuti/samba-enredo-2010-eneida-o-pierrot-esta-de-volta/>. Acesso em: 12 mar 2019.
- ENEIDA. Aruanda: crônicas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.
- ENEIDA. Graciliano. “Viventes das Alagoas”. *Diário de Notícias*, 1/abr./1962. Suplemento Literário, p. 2. http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=093718_04&pasta=ano%20196&pesq=Vivente%20das%20Almas. Acesso em: 30 out 2018.
- ENEIDA. Ouvindo personagens de Memórias do cárcere. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 29/nov./1953.
- LEBENSZTAYN, Ieda; SALLA, Thiago Mio (Orgs.). *Conversas*: Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Record, 2014.
- MORAIS, Fernando. *Olga*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- POLI JUNIOR, Ovídio. *A pena e o cadafalso*: observações sobre a literatura carcerária relativa ao período do Estado Novo. Tese (Doutorado em Letras) -- São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009.
- RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954. v. 1: Viagens.
- RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954. v. 2: Pavilhão dos Primários.
- RAMOS, Ricardo. Explicação final. In: RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954. v. 4: Casa de Correção.

RODRIGUES, Sergio. *Elza, a garota*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

SALLA, Thiago Mio. *Graciliano Ramos e a Cultura Política: mediação editorial e construção do sentido*. São Paulo: Edusp, 2016. p. 60.

Regina Zilberman é licenciada em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e doutorada em Romanística pela Universidade de Heidelberg, na Alemanha. Seus estágios de pós-doutorado foram realizados no University College (Inglaterra) e na Brown University (Estados Unidos). É professora associada do Instituto de Letras, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e pesquisadora 1A do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico(CNPq).

Recebido em 30/05/2019. Aprovado em 10/06/2019.